

POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO ATUAL CENÁRIO NEOLIBERAL/CONSERVADOR

Luiz Carlos de Freitas

ROTEIRO

Qual o cenário atual?

Como chegamos a isso?

Liberalismo centrista X liberalismo radical

A forma atual destas ideias: o pensamento neoliberal

Como a crise sistêmica do capitalismo alimenta a barbárie

O papel dos conservadores e o “populismo nacionalista”

O papel esperado para a educação: instalar uma “nova” geocultura

Alguns elementos para a resistência

QUAL É O CENÁRIO ATUAL?

“No meio de um enorme ataque global, alimentado por políticas neoliberais, ao estado do bem-estar social e às cláusulas sociais, o contrato social central das democracias liberais foi destruído e com ele também **qualquer noção viável de solidariedade, justiça econômica e bem comum.**

O progresso foi transformado em seu oposto e **registra mais desigualdades, sofrimentos e violência.** A antiga linguagem dos direitos coletivos deu lugar ao discurso dos **direitos individuais,** e o vocabulário da **colaboração e solidariedade** foi deslocado pelo discurso do individualismo radical e o ethos áspero da sobrevivência do mais forte.

A “liberdade” se transformou em **sinônimo de interesse próprio desenfreado** e em racional para **abdicar de qualquer senso de responsabilidade moral e política”** (p. 1).

COMO CHEGAMOS A ISSO?

“Por um longo tempo - durante três séculos, do século XVI ao XVIII - a questão da igualdade foi pouco discutida no sistema mundial moderno.

A desigualdade ainda era considerada natural - na verdade, ordenada por Deus, mas uma vez que o surto revolucionário do final do século XVIII transformou a linguagem da igualdade em um ícone cultural, uma vez que os desafios à autoridade em todos os lugares se tornaram comuns, a disparidade entre a teoria e prática não podia mais ser ignorada.”

I. Wallerstein, 2011, posição 4172

Rousseau, por exemplo, propõe um “contrato social”:

“O pacto fundamental, ao invés de destruir a igualdade natural, ao contrário, substitui a desigualdade física que a Natureza pode pôr entre os homens, por uma igualdade moral e legítima, fazendo com que estes, conquanto possam ser desiguais em força ou em talento, se tornem iguais por convenção e por direito.” (p. 35.)

Rousseau
O Contrato Social
Século 18

"O **conceito de cidadão** [na revolução francesa do século 18] tinha a intenção de ser **inclusivo** - insistir que todas as pessoas em um estado, e não apenas algumas pessoas (o monarca, os aristocratas) tinham o direito de ser parte, **uma parte igual**, do processo de tomada coletiva de decisão na arena política".

I. Wallerstein, 2011, posição 4197

O **liberalismo centrista**, nascido nas lutas dos liberais contra os conservadores e socialistas, defendia a participação de todos os cidadãos, ainda que limitada. Os **conservadores** queriam menos, os **socialistas** queriam mais.

A **escola pública**, por exemplo, tinha o papel de ser inclusiva, ensinar o básico (ler, escrever e contar) para **viabilizar a participação do cidadão na arena política**.

No entanto, nas décadas seguintes da Revolução Francesa, esta promessa teria um avanço lento:

“A **necessidade de conter** as implicações dessa reivindicação cultural [**a igualdade**] e, assim, domar as “**classes perigosas**”, tornou-se uma prioridade para aqueles que detinham o poder. A **construção do Estado liberal foi a principal estrutura erigida para limitar esta reivindicação.**”

I. Wallerstein, 2011, posição 4172

200 anos de **liberalismo centrista** (Wallerstein) amenizaram os impactos da lógica do capitalismo **e postergaram crises. Criaram válvulas de segurança.**

Paralelamente a isso, **um liberalismo radical constituiu-se nos séculos 19 e 20.** Ele emergiria mais fortemente na década de 1970, como resposta à crise, agora sistêmica, do capitalismo.

Sua vítima direta: **a própria democracia liberal**, a qual tornou-se insuficiente para encaminhar as contradições, criando uma incompatibilidade entre esta e o capitalismo.

Os liberais radicais tentam, desde então, **escrever um novo contrato** social que revogue o liberalismo centrista, mobilizando o apoio dos conservadores.

LIBERALISMO CENTRISTA X LIBERALISMO RADICAL:
velhas justificativas para a barbárie

Escolhi dois representantes do liberalismo clássico para exemplificar a natureza do “novo” contrato social dos liberais radicais:

Spencer fornece uma explicação **evolucionista** para as diferenças sociais e legitima o “sofrimento” do indivíduo como parte da sua **evolução natural**, baseada no **mérito** das decisões corretas que toma – sem ajuda do Estado.

Bastiat aponta para um **Estado que não interfira na vida dos indivíduos**, gestor de um **livre comércio**, advoga pela **externalização do custo da inclusão** e polemiza as **políticas social financiadas com impostos**.

O Estado deve limitar-se a proteger a vida, a liberdade do indivíduo e a propriedade. Uma tríade liberal que atravessa séculos.

Para Spencer:

“A humanidade está sendo pressionada pelas inexoráveis necessidades de seus novos avanços, e ela será moldada em harmonia com estes, tendo que suportar, da melhor forma possível, a infelicidade resultante.

O processo deve ser vivido, e os sofrimentos devem ser suportados. Nenhum poder na terra, nem as astutas leis dos estadistas, ou esquemas de retificação do mundo dos humanos, as panaceias comunistas, as reformas que os homens já introduziram ou ainda introduzirão podem diminuí-lo muito.”

H. Spencer
O indivíduo contra o Estado, 1884
Posição, 1645

“Ela [a diminuição do sofrimento] favorece a multiplicação daqueles que são os que pior se adaptam à existência e, por consequência, impede a multiplicação daqueles que melhor se ajustam à existência - deixando, assim, menos espaço para eles.

Tende a encher o mundo com aqueles a quem a vida trará mais dor, e tende a manter fora dele aqueles a quem a vida trará mais prazer.”

H. Spencer, O indivíduo contra o Estado, 1884, posição 1657

Bastiat, em discussão com seus oponentes, afirmava:

"Quando **impostos** são objeto de discussão, senhores, vocês devem provar sua utilidade por razões a partir da raiz da questão, mas não por essa afirmação infeliz — "**As despesas públicas ajudam as classes trabalhadoras**".

Essa afirmação oculta o fato importante de que as **despesas públicas sempre substituem as despesas privadas** e que, portanto, **trazemos subsistência a um operário em vez de outro**, mas nada acrescentamos à parcela da classe trabalhadora como um todo.

Seus argumentos estão na moda o suficiente, mas são absurdos demais para serem justificados por qualquer coisa como a razão."

F. Bastiat, O que se vê e o que não se vê. 1849, posição 322

Para Bastiat:

"A lei é a organização do **direito natural** da defesa legal. Ela é a substituição das forças individuais por uma força comum. E essa força comum é para fazer **apenas o que as forças individuais têm o direito natural e legal de fazer**: proteger as pessoas, a liberdades e as propriedades, para **manter o direito de cada um** e fazer com que a justiça reine sobre todos nós.

Bastiat, 1850, posição 390

"Sob tal administração, todos entenderiam que possuem **todos os privilégios e todas as responsabilidades pela sua existência**. Ninguém teria nenhuma discussão com o governo, desde que sua pessoa fosse respeitada, seu trabalho fosse livre e os frutos de seu trabalho estivessem protegidos contra todo ataque injusto.

Quando bem-sucedido, não teríamos que agradecer ao Estado pelo nosso sucesso. E, por outro lado, **quando malsucedido**, não pensaríamos em culpar o Estado por nossa desgraça mais do que os agricultores culpariam o Estado por causa do granizo ou da geada."

Bastiat considera que as pessoas têm uma tendência perversa:

“... há também outra tendência [além da auto-preservação e do auto-desenvolvimento] que é comum entre as pessoas. Quando podem, desejam viver e prosperar às custas dos outros.

Bastiat, 1850, posição 425

O **liberalismo centrista** emergiu hegemônico do século XIX e teve sequência com Keynes e a construção do **Estado do Bem-Estar Social**, especialmente entre 1945 e 1973. Ele procurava construir uma limitada inclusão social combinada com desenvolvimento econômico em um livre mercado regulado.

Paralelamente, logo após a primeira guerra mundial, com o fim dos impérios, **Ludwig von Mises** começa a desenhar, sob a influência dos ensinamentos de liberais radicais como Bastiat, o que viria a ser chamado de **neoliberalismo** (liberalismo renovado).

Desta iniciativa fazia parte seu estudante de doutorado **Friedrich von Hayek**.

A FORMA ATUAL DESTAS IDEIAS: o pensamento neoliberal

O que o neoliberalismo nascente em Viena (nos anos 30) propõe é a montagem de uma **estrutura mundial que dê completa proteção aos direitos do capital privado** – jurídica e comercialmente -, através de instituições internacionais como a Organização Mundial do Comércio e outras agências internacionais – e “replique” esta lógica no âmbito nacional: **o mundo é duplo**.

Ele emerge como um “**antídoto**” para o Estado do Bem-Estar Social e não como um complemento.

Slobodian, 2018, posição 305, posição 2384

Para Slobodiam, “o mundo neoliberal não é um mercado sem fronteiras, sem Estados, mas um mundo (...) **protegido das demandas em massa por justiça social e igualdade redistributiva** pelos guardiães de uma Constituição econômica.”

O projeto neoliberal visa **redesenhar o Estado e a lei**. Ele não propõe um Estado fraco, ele propõe um “**livre mercado em um estado forte**”. Há uma dimensão local que interage com uma dimensão internacional.

O paradigma não está centrado no parlamento ou na universidade, mas no triunvirato: **segurança, finanças e comércio** (...)

Slobodian, 2018, posição 375, posição 683

O neoliberalismo tem ainda um componente autoritário. O grande problema para o neoliberalismo é a democracia liberal centrista:

“Um **estado forte** – resistente às pressões da influência democrática – seria **necessário para salvaguardar uma Constituição econômica mundial.**”

Mises e Hayek acham que a democracia deve estar alinhada com o capitalismo: “se ela [a democracia] não consegue evitar uma revolução, então é **perfeitamente legítimo suspendê-la e forçar a ordem por outros meios.**”

Slobodian, 2018, posição 908, posição 2302

O neoliberalismo entende que a “democracia” supõe, implicitamente, um acordo para se permanecer sob o capitalismo.

“A democracia pode ser suspensa quando isso for requerido para a estabilidade do mercado”.

E mais:

“Para que o livre comércio funcione, as barreiras do sindicato precisam ser removidas”.

Slobodian, 2018, posição 924, posição 1070

A visão de Mises e Hayek é radical. Eles afirmam, por exemplo, que a crise de 1929 teria sido causada por uma política monetária errada, superinvestimento e pelos **sindicatos que pressionaram por melhores salários**:

“O desemprego foi voluntário. “O desemprego é um problema de salários e não de trabalho... **a assistência ao desempregado é que primeiro cria o desemprego como um fenômeno permanente**”. (..)

Mises condenava os governos que “capitulavam aos sindicatos”, pois estes, segundo ele, perseguiram seus objetivos “pelo uso da violência”.

Hayek preconizava a “teoria da escolha”:

“Escolhas individuais guiadas pela concorrência resolveriam o enigma da complexidade do mercado e garantiriam a melhor divisão possível do trabalho e a alocação de recursos.

Slobodian, 2018, posição 2369

“Primeiro, os sistemas previdenciários alegam ser esquemas de poupança de dinheiro, mas a realidade é que eles desestimulam a poupança. Além de as "contribuições compulsórias" incidirem justamente sobre o que seria a poupança dos indivíduos, a previdência leva as pessoas a crerem que elas não precisam ser precavidas quanto ao futuro, pois o estado cuidará delas. Consequentemente, as pessoas passam a crer que é desnecessário poupar. (...) Poupança é sacrifício. Por que poupar se meu futuro "está garantido pelo estado"?"

Jesús Huerta de Soto

Professor de Economia (Espanha)

Entrevista: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1462>

Fugindo do nazismo, Mises migraria para os Estados Unidos e Hayek para a Inglaterra, onde continuariam trabalhando na difusão das ideias liberais radicais constitutivas do movimento neoliberal.

A crise sistêmica iniciada em 1973, potencializaria as ideias neoliberais e motivaria a ascensão de Thatcher na Inglaterra e de Reagan nos Estados Unidos.

COMO A CRISE SISTÊMICA DO CAPITALISMO ALIMENTA A BARBÁRIE NEOLIBERAL

Crise 1. Está ligada ao próprio “sucesso” do capitalismo: ganhar dinheiro para ganhar mais, indefinidamente.

Crise 2. Contradição na geração de valor (baixos salários levam a maiores lucros, mas diminuem o consumo e geram endividamento. Maiores salários, derrubam os lucros)

Crise 3. Aumento dos custos fiscais (maior inclusão leva a mais Estado e exige mais impostos. Menor inclusão, diminui o Estado, permite atender às demandas capitalistas, mas gera mais conflito social. A “corrida para o mais barato” implica em externalização de custos, desoneração do capital e diminuição de impostos o que é incompatível com financiar a inclusão.

Crise 4. Ecologia global em declínio pela externalização crescente do custo ambiental.

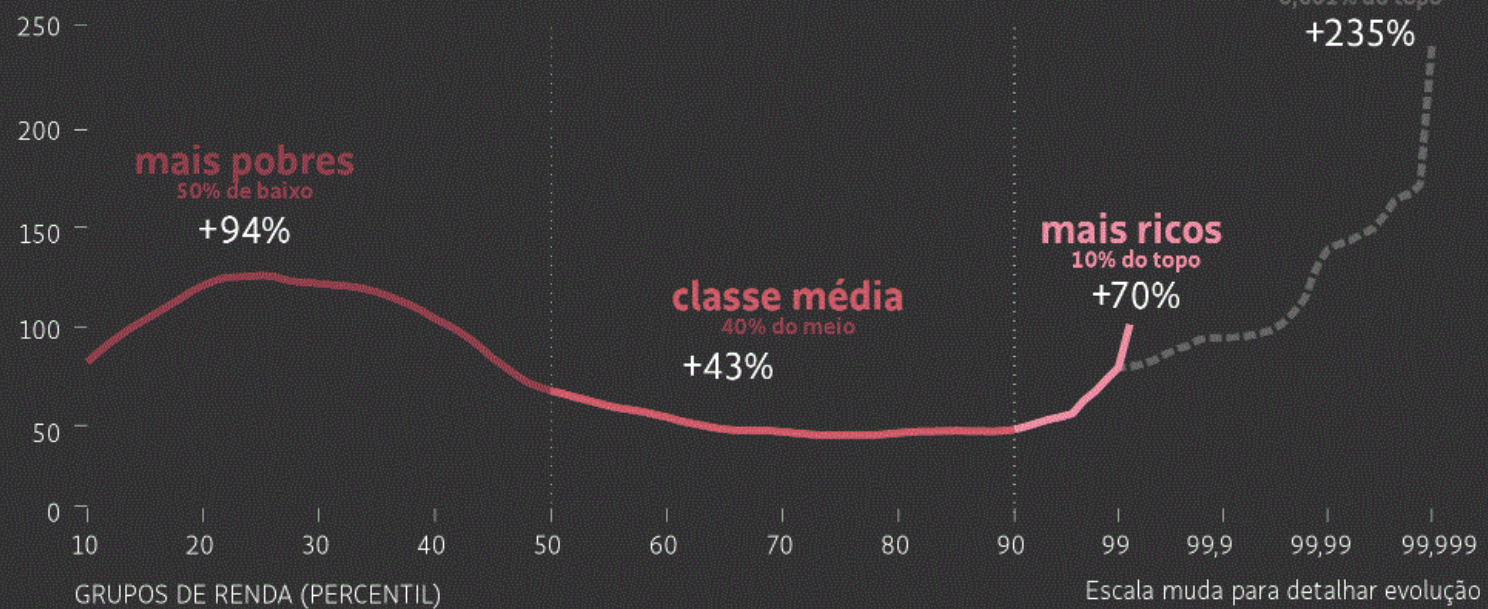
Crise 5. Inteligência artificial e novas tecnologias. Randal Collins (in Wallerstein, 2011) põe em evidência a crise de empregos na classe média, agora, em virtude da inteligência artificial – robots.

“O que hoje estamos vivenciando não é apenas uma crescente polarização – inerente à crise estrutural global do capitalismo atual – mas, igualmente, o que multiplica os riscos de explosão, o colapso de uma série de válvulas de segurança que cumpriam um papel vital na perpetuação da *sociedade de mercado*”. (p. 48.)

Meszaros, 2009

Desigualdade global

Crescimento real da renda entre 1980 e 2016, em %



Fonte: Relatório da Desigualdade Global, 2018

- Fonte: <https://temas.folha.uol.com.br/desigualdade-global/> Acesso em 23/07/2019

O PAPEL DOS CONSERVADORES E O “POPULISMO NACIONALISTA”

“A função dos conservadores é **colocar ordem**. A função dos **liberais é colocar progresso**” (Paulo Guedes).

O papel dos conservadores, apesar de barulhentos, é subsidiário, complementar ao dos neoliberais. Trata-se de uma **aliança eleitoral** entre conservadores e neoliberais e não de projetos sociais comuns. O centro do projeto atual é neoliberal.

Os conservadores, de fato não têm um projeto de futuro, a não ser **retornar ao passado**. Eles estão vivendo sua **terceira tentativa de restauração, agora em escala mundial**.

Mas o governo Bolsonaro não é apenas uma junção de neoliberais e conservadores ungida pelos militares, como pensamos de início. Eatwell e Goodwin ajudam a esclarecer a composição desta vertente mundial:

"Narrativas enganadoras nos distraem do fato de que, na realidade, o populismo nacionalista apela a **uma ampla aliança de diferentes grupos da sociedade**".

Eatwell and Goodwin, 2018, posição 604

Dizem os autores:

“Não vemos líderes como Trump, Le Pen ou Wilders como fascistas. Antes, defendemos que eles são '**populistas nacionalistas**' que representam uma tradição distinta de pensamento no Ocidente. E pensamos que esse corpo de pensamento **precisa ser tomado a sério**.”

O populismo nacionalista é uma ideologia que **prioriza a cultura e os interesses nacionais**, e que promete dar **voz a um povo que sente que foi negligenciado**, até mesmo desprezado, por elites distantes e muitas vezes corruptas.

Eatwell and Goodwin, 2018, posição 915

Essa visão necessita, é claro, ser contextualizada para o caso Brasileiro.

"Longe de ser antidemocrático, o populismo (...) é uma **resposta às contradições da democracia liberal**, que por um lado promete um governo 'redentor' pelo povo, mas que na prática se baseia cada vez mais em elites concorrentes tecnocráticas e "pragmáticas", cujos valores são fundamentalmente diferentes de muitos daqueles que eles governam (...).

Eatwell and Goodwin, 2018, posição 915/922

Em resumo: Além de incluir **conservadores** e **neoliberais**, o governo Bolsonaro é o último bonde dos **desiludidos** com o liberalismo centrista, com as elites políticas, à espera de que alguém fale por eles e imponha **autoritariamente** medidas a seu favor. O populismo soube captar este clamor.

Finalmente, é importante notar que:

“Enquanto a visão "pragmática" vê a democracia como um sistema elitista de instituições e regras para lidar pacificamente com os conflitos, a abordagem "redentora" [do populismo] vê a democracia como uma "salvação" por meio de formas mais diretas de política, identificando o povo como a única fonte legítima de autoridade.”

Eatwell and Goodwin, 2018, posição 915/922

**O PAPEL ESPERADO PARA A EDUCAÇÃO: instalar
uma “nova” geocultura meritocrática**

"Por geocultura, entendemos valores que são amplamente compartilhados em todo o sistema mundial, tanto explicitamente como de forma latente".

I. Wallerstein, 2011, posição 7695

A tese que estamos propondo é que está em curso uma troca da geocultura, para a qual a educação está sendo chamada.

Sai uma geocultura baseada no liberalismo centrista que procurava combinar desenvolvimento econômico com direitos políticos e sociais.

Entra uma geocultura proveniente de um **liberalismo radical e meritocrático**, que pretende legitimar as desigualdades sociais na forma de diferenças de mérito, **valorizando formas autoritárias e redefinindo o contrato social da democracia liberal representativa**.

Esta troca é uma demanda para postergar **crises** e impedir que elas sejam capturadas por uma **frente anti-sistêmica**.

A “nova democracia” pretende ser imune às reivindicações provenientes de uma massificação da democracia.

No novo contrato social, o capitalismo, o livre mercado e a concorrência são cláusulas péticas, as quais devem ser protegidas por um estado forte que não deve intervir no mercado e na vida do indivíduo.

Radicaliza-se a tríade liberal: vida, liberdade e propriedade.

Assume-se uma concepção de sociedade e educação baseada na lógica de uma **organização empresarial** inserida em um **mercado concorrencial (livre mercado)**, e as instituições sociais são reconvertidas em organizações empresariais. **Inclusive o próprio Estado.** (Chaui, 2018).

Pretende-se inserir **as escolas, professores e estudantes** em um ambiente **concorrencial**, assumindo-se que isso conduzirá ao aumento da “qualidade” da educação. O importante é a **incorporação do modelo empresarial na educação e a vivência de sua característica central: o ethos da concorrência**, a qual opera pelo **mérito**.

A finalidade da educação deve ser preparar os jovens para sobreviver à **concorrência** transformando-os em “**empresários de si mesmos**”.

Gamble (1988), resume a lógica meritocrática da barbárie:

“O objetivo central tem sido **desacreditar o conceito social-democrata de direitos universais** de cidadania, garantido e reforçado por meio de órgãos públicos, e **substituí-lo pelo conceito de direitos de cidadania** alcançado por meio da propriedade e da **participação nos mercados**.

Nessa visão, **uma classe de sub-cidadãos é criada**, consistindo naqueles que, sendo incapazes de participar dos mercados, são forçados a permanecer dependentes do Estado.

Tal **dependência se torna um estigma** e permite que as demandas desses grupos sejam **desconsideradas**” (p. 16). Sem mérito, sem direitos.

No liberalismo centrista o Estado era o indutor de inclusão, por direito do cidadão. No liberalismo radical o Mercado é o indutor de inclusão, por mérito (e custo) do indivíduo. A participação é dada a partir da posição do indivíduo no mercado.

Direitos sociais são reconvertidos em serviços a serem adquiridos no Mercado.

Quem está no Mercado acumula méritos e acessa direitos, quem está fora do Mercado não têm direitos. E a culpa é só deles, pois fizeram escolhas erradas em um ambiente concorrencial.

A educação deve ensinar o jovem a escolher corretamente, guiado pela concorrência, e a responsabilizar-se pelas suas próprias escolhas. Ele é lançado no Mercado como “empresário de si mesmo”.

Sahlberg (2011) registra a emergência de um **Movimento Global de Reforma Educacional**. Com este nome, capta a expansão mundial deste e elenca as seguintes características:

PADRONIZAÇÃO DA E NA EDUCAÇÃO

ÊNFASE NO ENSINO DE **CONHECIMENTOS E HABILIDADES BÁSICAS**

ENSINO VOLTADO PARA **RESULTADOS PREDETERMINADOS**

TRANSFERÊNCIA DE **INOVAÇÃO DO MUNDO EMPRESARIAL**

POLÍTICAS DE **RESPONSABILIZAÇÃO BASEADAS EM TESTES**

MAIOR **CONTROLE DA ESCOLA** COM UMA IDEOLOGIA DE LIVRE MERCADO

ESCOLHA DA ESCOLA PELOS PAIS E TERCEIRIZAÇÃO DAS ESCOLAS

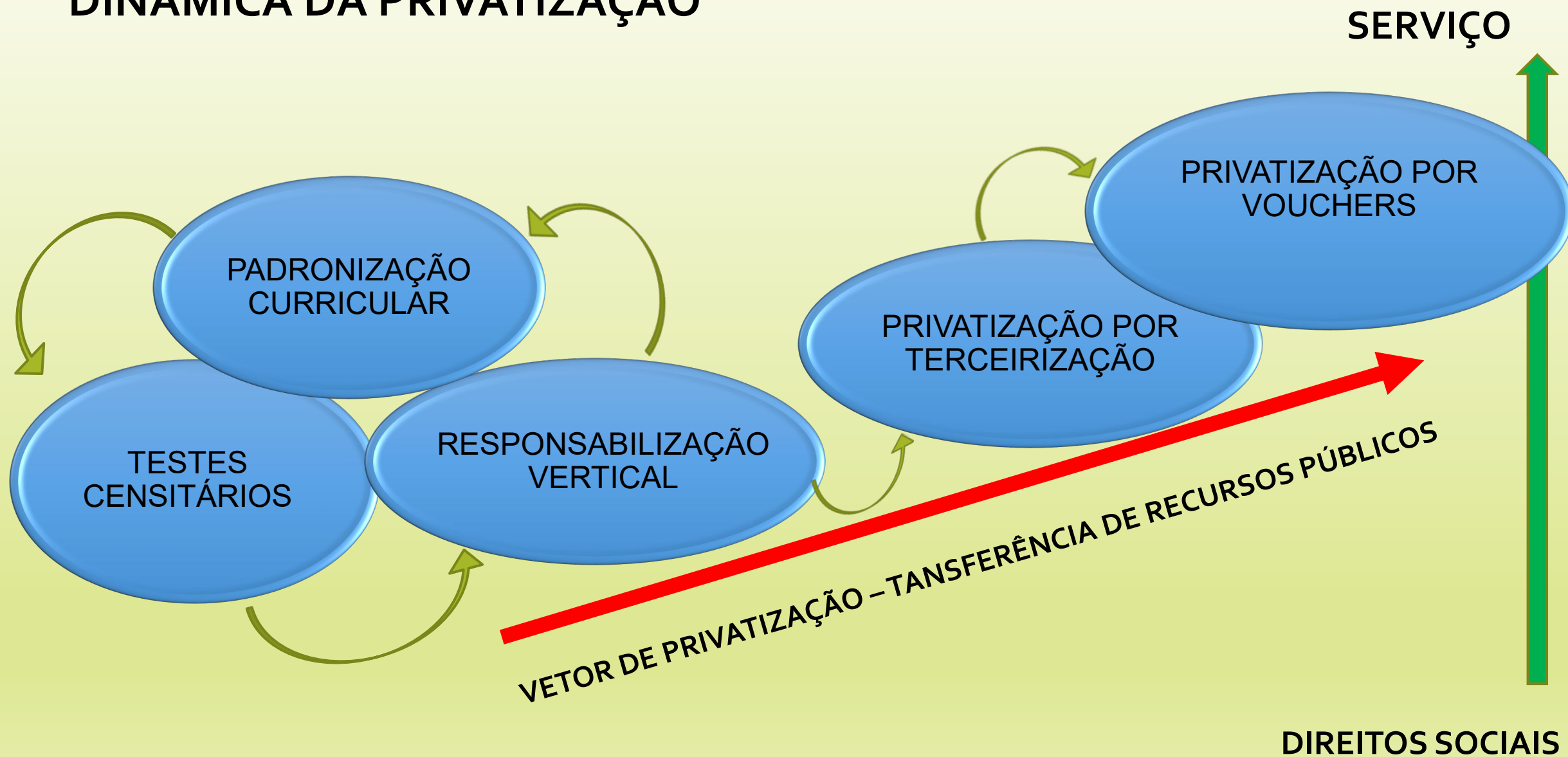
Inserir a educação no livre mercado concorrencial implica em **privatizar as escolas**. A troca de geocultura exige que as escolas **sejam “aprisionadas” tanto técnica como politicamente**:

A maneira mais acabada de privatizar a educação é a **privatização por vouchers**, onde os pais escolhem as escolas para seus filhos e as pagam com recursos públicos repassados a eles através de voucher.

Onde isso não é viável de imediato, um processo de conversão das escolas públicas em empresas é iniciado, por dentro, **via gestão**, visando criar um **vetor de privatização** que desenvolva um mercado educacional e leve, futuramente, ao modelo dos vouchers.



DINÂMICA DA PRIVATIZAÇÃO



LIVRE MERCADO

Terceirizadas sem
fins lucrativos (ONGs)
e com fins lucrativos

Privado clássico

Ensino domiciliar

Consultorias e
Fundações de
apoio

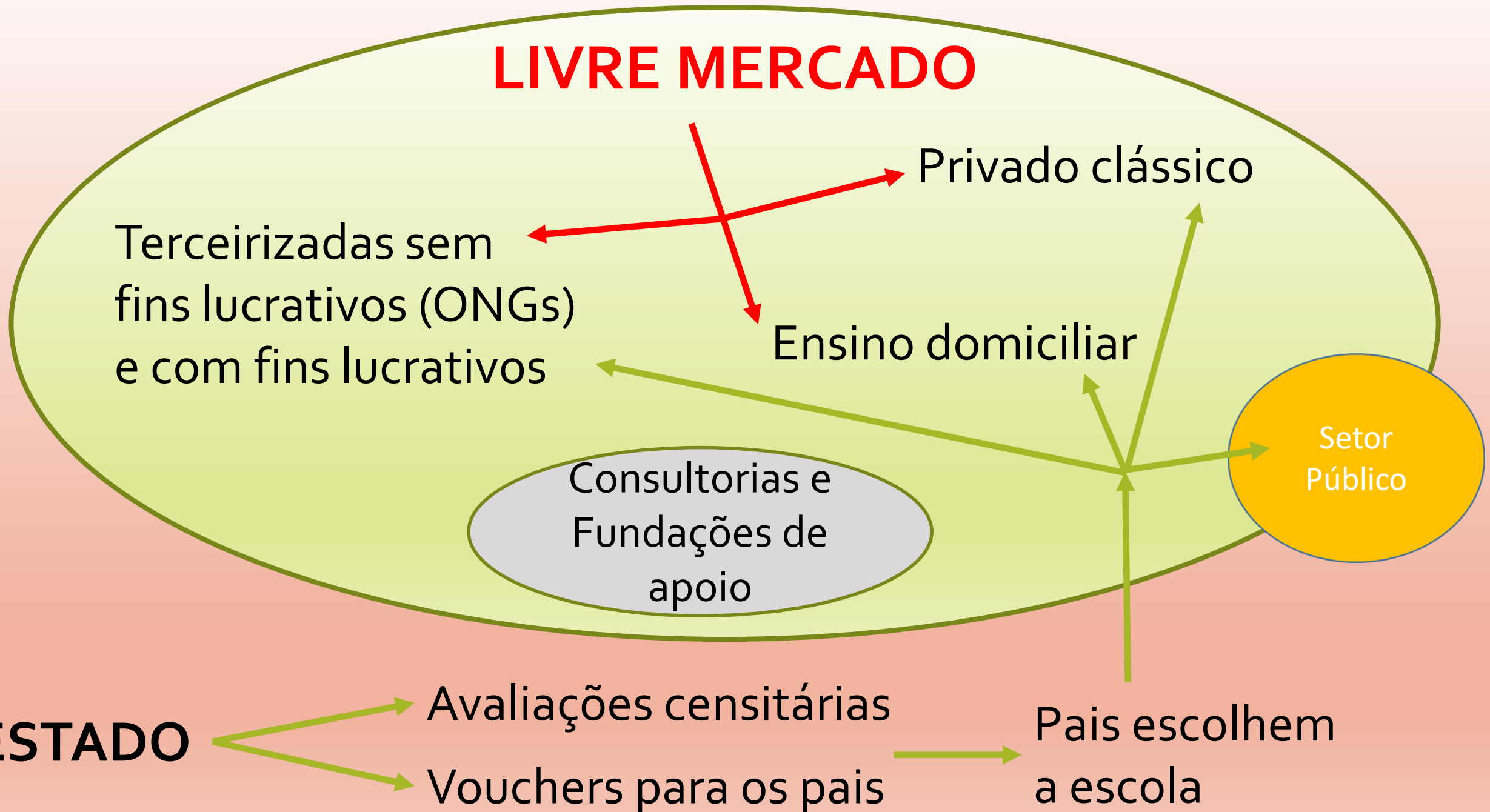
Setor
Público

ESTADO

Avaliações censitárias

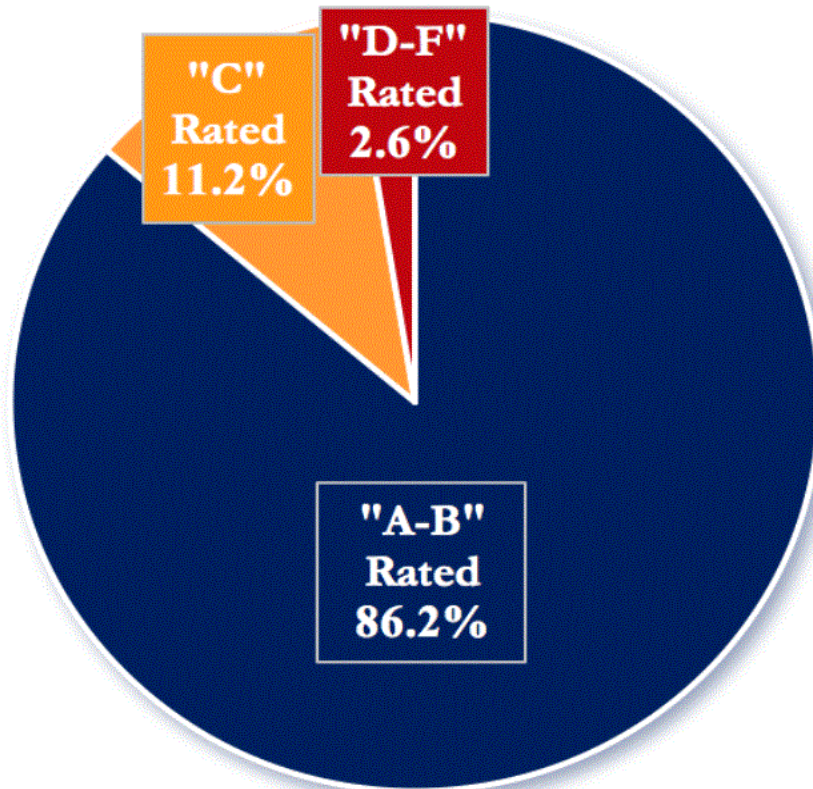
Vouchers para os pais

Pais escolhem
a escola

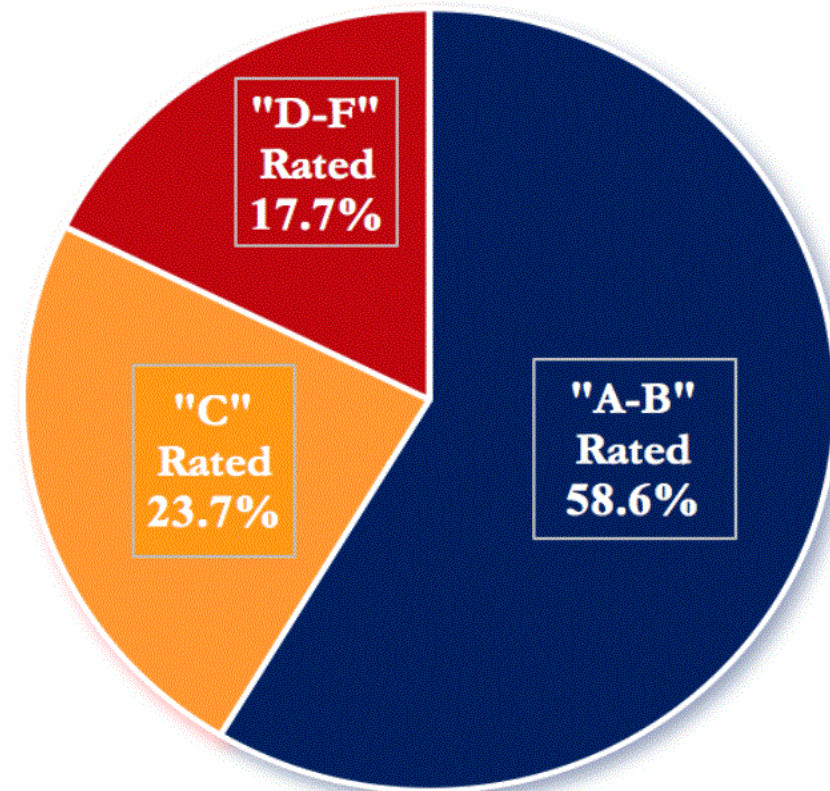


PRIVATIZAÇÃO E DESEMPENHO

Community-Based School Districts



Privately-Operated Charters



CONSEQUÊNCIAS DA PRIVATIZAÇÃO

Um grande número de estudos aponta a relação entre privatização e segregação. Os dados da experiência chilena com vouchers são um exemplo do aumento da segregação. Um exame de 56 estudos empíricos (Treviño et al, 2018) sobre o uso de vouchers no Chile concluiu que:

Os resultados indicam que as “famílias [de classe média] não escolhem as escolas, mas são as escolas que escolhem as famílias e estudantes.” (p. 4).

CONSEQUÊNCIAS DA PRIVATIZAÇÃO

Em relação aos estudantes mais pobres, “a competição os relegou a escolas de baixo desempenho e altamente segregadas.”

“... as famílias mais pobres que não têm recursos, não têm outra opção senão matricular-se na escola pública local - o padrão para aqueles que não têm nada a oferecer além de seus vouchers” (p. 4-5).

Para escapar a esta situação os pais destas crianças precisam ter mais capital econômico e social, e completar o valor da mensalidade com seus recursos.

IMPACTOS NO MAGISTÉRIO

A nova face do tecnicismo apresenta-se como “plataforma de aprendizagem on line” em um processo que **expropria o trabalho vivo do magistério e o transpõe como trabalho morto** em plataformas de aprendizagem interativas.

O **credenciamento** de agências formativas padroniza (pelos critérios do credenciamento) a formação e **elimina a diversidade de projetos formativos**. Some-se a isso as **avaliações profissionais** (por exemplo, o ENAMEB).

A formação é pensada de maneira aligeirada e em **agências formativas improvisadas**.

A natureza do trabalho do magistério muda e ele passa a ser um **“assistente de plataformas de aprendizagem”**.

IMPACTOS NO MAGISTÉRIO

O relatório de uma das agências americanas de controle de padrões das instituições de formação do magistério (**National Council on Teacher Quality, 2018**), identifica:

567 programas de formação do magistério;

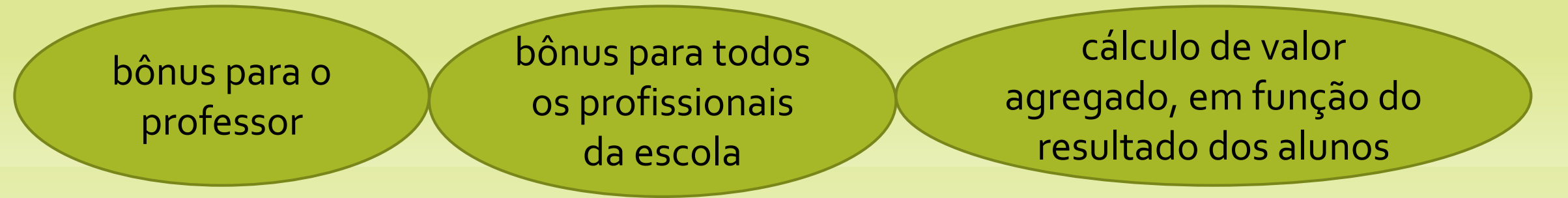
129 programas chamados "**alternativos**", ou seja, "tipicamente destinado a colocar professores rapidamente na profissão", a maioria sendo estágios que colocam os candidatos na condição de responsáveis por suas próprias salas de aula quase no início do programa;

inclui ainda 18 **residências** ("residencies") que "colocam os candidatos em sala de aula com um professor mentor por até um ano" e podem ser oferecidas por organizações sem fins lucrativos, distritos escolares ou organizações gestoras de escolas terceirizadas" (p.1).

IMPACTOS NO MAGISTÉRIO

A reforma empresarial da educação concebe o magistério da mesma forma como concebe a escola: **inserido** em um mercado competitivo.

Portanto, estabilidade, salários iguais, previdência e sindicalização são condições que ela considera que impedem o mercado de produzir “qualidade” na escola. Por isso, institui processos de valorização seletiva do magistério através de várias formas de bônus (como nas empresas):



bônus para o professor

bônus para todos os profissionais da escola

cálculo de valor agregado, em função do resultado dos alunos

IMPACTO NOS ESTUDANTES

Temos impactos sérios entre os estudantes. Nos Estados Unidos, a reforma exhibe seu conservadorismo sob o nome “no excuses” – “sem desculpas” ou ainda “tolerância zero”.

A ideia é que nós não precisamos gastar mais dinheiro para consertar as escolas, temos apenas que nos certificar de que as escolas sejam exigentes em sua disciplina e sem nenhum absurdo pedagógico.

IMPACTO NOS ESTUDANTES

O aumento do controle disciplinar nas escolas tem criado uma “linha direta” entre estas e as prisões, o que levou a **Associação Nacional de Educação americana (2016)** a se manifestar sobre a prática:

“**Linha direta da escola para prisão** significa o uso de políticas e práticas que estão direta e indiretamente empurrando estudantes negros para fora da escola e colocando-os no caminho para a prisão, incluindo, mas não limitando-se a: políticas severas de disciplina escolar que abusam da suspensão e expulsão, aumento do policiamento e vigilância que cria ambientes parecidos com prisões nas escolas, excesso de confiança no encaminhamento para a aplicação da lei e no sistema de justiça juvenil, e um ambiente acadêmico voltado para testes de alto impacto e alienantes.”

IMPACTO NOS ESTUDANTES

A reforma empresarial tem lavado ao aumento do controle disciplinar e à segregação dos estudantes de origem mais pobres e negros (Scott, Moses, Finnigan, Trujillo, & Jackson, 2017) e acaba por justificar imposições disciplinares.

No Brasil, a aliança com os conservadores faz com que ela também apareça como militarização de escolas – as escolas cívico-militares.

As alternativas para o jovem são: o mercado, a prisão ou o cemitério.

MANIFESTAÇÕES DA REFORMA NA PRÁTICA ESCOLAR



ALGUNS ELEMENTOS PARA A RESISTÊNCIA

Será necessário **combater a privatização e a geocultura meritocrática** que insere escolas, estudantes e professores na concorrência.

Em cada sala de aula, deve-se focar na construção de **processos de vivência coletiva, solidária e ética** entre os estudantes.

Lutar pela **gestão democrática** em cada escola, envolvendo a participação dos estudantes. **A forma de gestão da escola também ensina.**

Reorientar as habilidades sócio-emocionais constantes na BNCC, abordando-as desde o ponto de vista da construção do coletivo e da solidariedade (especialmente a redefinição de **resiliência e de cooperação**). Exercitar **formas superiores de democracia** mais igualitárias.

Qualquer que seja a Base Nacional da Formação, complementá-la com a construção de currículos formativos com processos de vivência da solidariedade, auto-organização, autonomia, e processos coletivos.

Mobilizar professores, estudantes e gestores em um amplo movimento anti-sistêmico, de baixo para cima, em articulação com outros setores da sociedade.

Fortalecer a estrutura sindical, como instância de defesa coletiva.

Mobilizar especialmente os pais em defesa da saúde e da boa educação dos seus filhos, contra a privatização e militarização de escolas.

“O objetivo de médio prazo, de estabelecer um novo sistema-mundo que seja **mais democrático e igualitário**, requer ação política de outro tipo. Requer organizar-se em toda parte, **na base da sociedade**, e **construir alianças a partir de lá** – mais do que a partir do poder de Estado. Este foi o segredo do fortalecimento recente dos movimentos anti-establishment de direita.”

(Wallerstein, 2016)

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

- Chaui, M. (14 de setembro de 2018). Seminário Internacional Ameaças à Democracia e à Ordem Multipolar. Fonte: Fundação Perseu Abramo: <https://youtu.be/QDDVZsU2AvU>
- Eatwell, R. and Goodwin, M. (2018) National Populism: the revolt against liberal democracy. Penguin Books: UK.
- Fraser, N. (2019) The Old Is Dying and the New Cannot Be Born: From Progressive Neoliberalism to Trump and Beyond. New York: Verso.
- Freitas, L. C. (2018) A reforma empresarial da educação. São Paulo: Expressão Popular.
- Friedman, M. (1955). The Role of Government in Education. (R. A. Solo, Ed.) Economics and the Public Interest, 123-144. Acesso em 3 de agosto de 2018, disponível em <http://la.utexas.edu/users/hcleaver/330T/350kPEEFriedmanRoleOfGovttable.pdf>
- Gamble, A. (1988). The free economy and the strong state: the politics of Thatcherism. Durham: Duke University Press.
- MacLean, N. (2017) Democracy in Chains: The Deep History of the Radical Right's Stealth Plan for America". New York: Penguin.
- Meszaros, I. (2009) A crise estrutural do capital. São Paulo: Boitempo.
- Slobodian, Q. (2018) Globalists: the end of the empire and the birth of neoliberalism. Cambridge: Harvard University Press.
- Wallerstein, I. (2011) The modern World-system IV: centrist liberalism triumphant, 1789-1914. Berkeley: University of California Press.
- Wallerstein, I.; Collins, R.; Mann, M.; Derlugetian, G. and Calhoun, C. (2013) Does Capitalism have a future? New York: Oxford University Press.
- Wallerstein, I. (2002) Após o liberalismo: em busca da reconstrução do mundo. Petrópolis: Vozes.

ACESSE TODAS AS REFERÊNCIAS USADAS NESTA APRESENTAÇÃO NO LINK:

<https://avaliacaoeducacional.com>

na página da bibliografia.

freitas.lc47@gmail.com